

Entrevista

A cooperação da uneb com as instituições chinesas

Por Prof. Osmar Moreira dos Santos (Pós-Crítica)
Entrevista para o Boletim Parabólica da SERINT/UNEB

A UNEB já desenvolveu algumas ações de cooperação com instituições chinesas no campo da educação e contou com a participação do Senhor em algumas delas. O Senhor poderia descrever como surgiu na UNEB o interesse em cooperar com um país tão distante, cultural e geograficamente, do Brasil?

Tudo começou com a aprovação do projeto de pesquisa *Potências transnacionais emergentes e seus crivos culturais* no âmbito da Chamada pública PRONEM Fapesb/CNPq 008/2014, sob minha coordenação geral, e com participação de mais 11 pesquisadores docentes: 05 do Pós-Crítica, UNEB, e 06 do Lit-Cult da UFBA, dos quais 2 de cada instituição compõem o Núcleo de Referência.

Como o objetivo geral desse projeto de pesquisa é a investigação sobre aspectos das relações interculturais entre o Brasil, suas instituições linguístico-literárias e culturais, e instituições linguístico-literárias e culturais de Rússia, Índia, China e África do Sul, e também de alguns países latino-americanos, a exemplo do Chile e Peru, nosso conjunto de projetos se distribuiu em quatro subgrupos, cada um responsável por levantar essas instituições, com ênfase em pesquisadores, grupos, departamentos, centros de pesquisas em dado país e empreender aproximações através de seus projetos de pesquisa, sob o crivo da língua e literatura comparadas.

O meu grupo com 03 pesquisadores optamos pela China, com projetos de pesquisa sobre uma imagem da China contemporânea na obra de dois escritores chineses com prêmio Nobel de literatura, Mo Yan e Gao Xing Xiang, outro sobre feminismo em escritoras chinesas e um outro sobre a obra de um pintor chinês, considerado o “Picasso chinês”, que inclusive morou no Brasil por muito tempo.

Além da leitura da obra desses escritores Mo Yan e Gao Xing Xiang, em francês, espanhol, inglês e as traduzidas em português, e seus comentadores, eu ainda orientei 12 pesquisas de iniciação científica, apoiado por Fapesb e CNPq, sobre temas como repercussões da língua chinesa no Brasil, repercussões de língua portuguesa e literatura brasileira na China, cinema chinês, sistema educacional chinês, modos de produção de material didáticos, entre outros temas. Além dessas pesquisas, ainda buscávamos aqueles contatos de pesquisadores e instituições. Foi assim, munido dessas informações que nosso grupo viajou à Pequim, em junho de 2017, para duas reuniões acadêmicas e científicas com estudantes e professores dos departamentos de Língua Estrangeira e do Centro de Relações Internacionais para a América Latina.

Desde então nossos intercâmbios não pararam mais e cito alguns deles: a vinda do Prof. Dr. Hu Xudong, através do Programa ProfVisit da PPG, em setembro de 2018, para uma série de cursos, conferências, reuniões com nossos grupos de pesquisa, viagem ao Campus Avançado de Canudos, encontro na PPG para avaliar esse programa de apoio a pesquisador visitante; outro encontro com a Profa. Ana Qiao, da Universidade Normal de Hebei e coordenadora do *Confucius Classroom* da UFF, promovido pela SERINT em 2018, e desde então é uma super parceira em vários projetos, entre eles, a proposição de simpósios no I e II Congresso Brasil in Teias Culturais, respectivamente 2020 e 2021, e, entre março e junho deste ano de 2022, a oferta de um Curso Básico de Mandarim, por via remota, para uma turma de alunos e professores de toda UNEB; e, ainda, por ocasião do falecimento do jovem professor Hu Xudong, com 47 anos, em 21 de agosto de 2021, formamos o esboço de uma rede de pesquisa, com pesquisadores brasileiros da UNEB, UNICAMP, USP, UnB, e de universidades chinesas, Pequim, Hebei, Macau, sobre a amizade Brasil – China, esboço esse tirado do simpósio *Poéticas da amizade* proposto e executado por nós no II TEIAS.

Como tem dito o amigo e colega Foot Hardmann, do IEL da UNICAMP, um dos grandes interlocutores com pesquisadores chineses, a rede de pesquisa, consentida como uma poética da amizade, se faz mais efetivamente quando ocorrida nas margens e sem muita institucionalidade. Nessa

linha, tenho estabelecido um novo contato com a Profa. Fan Xing, que acaba de colaborar comigo na coordenação do dossiê de 2022, vol.1, jan./jun. da **Pontos de Interrogação**: Revista de Crítica Cultural, com uma bela entrevista de 10 páginas sobre a inserção dos estudos de graduação em Português no Departamento de Espanhol, Português e Italiano da Universidade de Pequim, tratando da implantação, funcionamento, produção científica, redes de cooperação com países lusófonos, entre outras questões, decisivas para se ter uma ideia precisa do lugar e das possibilidades de propormos e produzirmos ciências e vida intelectual com pesquisadores e instituições chinesas. Assim, nunca nos sentimos tão próximos apesar das 27 horas de viagem área Salvador – Pequim ou outras tantas horas entre o Campus 2 da UNEB – Alagoinhas e o de HEBEI, em Hebei.

Em linhas gerais, quais as principais linhas de cooperação que a UNEB pode estabelecer com instituições acadêmicas da China?

Assim que chegamos em Pequim, em 2017, para uma estadia de apenas 06 dias, no dia seguinte, no hotel onde estávamos, recebi um telefone da embaixada do Brasil colocando-nos em contato com representante da Reitoria da considerada segunda melhor universidade chinesa, a Tsinghua, que tinha disponíveis várias bolsas de doutorado e pós-doutorado para engenheiros de países no âmbito do BRICS. Então, antes de marcar reunião como esse representante, fiz contato com a UNEB para saber do interesse de diretores e pesquisadores de cursos de engenharia em nossa instituição, mas não obtive êxito e a reunião não ocorreu. Mas creio que as linhas de cooperação não são acentuadas apenas no âmbito dessas ciências. Na entrevista dada pela profa. Fan Xing, estudantes de Letras em todos os níveis, com estágios e formação graduada e pós-graduada na China, possuem um amplo escopo de atuação desde às empresas por toda a China ao seu serviço público. Assim, creio que em qualquer domínio do conhecimento Letras, Humanidades, Tecnologias, Engenharias, se possa fazer parcerias com instituições chinesas. Mergulhemos, então, em língua e cultura chinesas, para ampliarmos as paisagens e possibilidades.

A China alcançou notável desenvolvimento nas últimas décadas, inclusive em áreas como educação, ciência, tecnologia. Como a experiência do gigante asiático pode contribuir para que instituições como a UNEB aperfeiçoem seus processos e práticas educacionais?

É inegável que o processo de desenvolvimento da China nas últimas décadas, sobretudo a partir da abertura do Estado para a economia de mercado, tem por base a revolução socialista de 1949 quando o seu povo organizado foi capaz de se apropriar da matéria prima, das máquinas e das fábricas e de toda a riqueza acumulada pelas rapinas burguesas e reinvestir essa riqueza da classe trabalhadora na sua emancipação social, cultural, educacional e política. Não fosse essa revolução e a gestão do Estado pelo Partido Comunista Chinês, não teria sido possível depois da morte de Mao Tsé-Tung e sob o comando de Deng XiaoPing a sua entrada na cena capitalista, mas com o estado controlando e regulando o mercado e não o contrário como acontece com o Brasil, ocupado pelos abutres do capital, desde sempre, cujo papel do Estado é o de ser um mero gerente do capital financeiro e parasitário com seu totalitarismo disfarçado de livre comércio e democracia nos procedimentos.

Essa libertação da China tanto da monarquia, em 1911, quanto do capitalismo, em 1949, então República Popular, permitiu-lhe acúmulo político e econômico para a partir dos anos de 1980, instalar uma forma de socialismo com características chinesas, planejando e projetando várias frentes de emancipação nacional, a exemplo da educação, segurança, tecnologia, a ponto de, menos de quatro décadas depois, poder dispor de quase uma centena de empresas estatais do quilate da Petrobrás, ser a plataforma industrial do mundo, ter retirado 800 milhões de pessoas da pobreza produzida pela ocupação capitalista e seu século de humilhação, e na iminência de nos próximos 05 anos superar os Estados Unidos em produção de riqueza, *soft power*, e transnacionalização de mercados a partir da chamada Nova Rota da Seda, que já envolve centenas de países por todos os continentes.

Como isso pode contribuir para que instituições como a UNEB aperfeiçoem seus processos e práticas educacionais? Creio que de várias formas, a saber: continuar investindo em projetos de pesquisa, ensino e extensão

que interpelem, permanentemente, a ciência ocidental burguesa e sua total falta de compromisso com a distribuição da riqueza para quem de fato a produz, que é a classe trabalhadora; e, além dessa interpelação, investirmos mais numa ciência engajada e articulada a um projeto nacional, desenvolvimentista, visando acumular forças para a revolução brasileira.

Creio também que na UNEB temos uma vocação revolucionária, inclusiva, voltada à distribuição de riqueza simbólica, mas precisamos de uma efetiva parceria, em todas as áreas, com instituições chinesas, e também com os BRICS, para darmos mais alguns passos a frente, rumo à cidadania cultural do povo brasileiro, com sua maioria desde sempre despejada de sua língua, cultura, território e do próprio ser brasileiro.

Ao mesmo tempo em que desperta interesse e certo fascínio a China também nos parece um enigma, seja em função de suas características políticas, sua cultura ao mesmo tempo ancestral e voltada para o futuro e até seu idioma e alfabeto peculiar. Em sua opinião, quais as dificuldades e as vantagens de uma parceria com aquele país?

A China é realmente inacreditável. Sua cultura milenar expressada também por uma língua milenar, viva, pop, mais falada do mundo por milhões de chineses e disseminadas pelo mundo através de milhares de Institutos Confúcio, a todos surpreendem pela capacidade de resistir a centenas de guerras, cujo símbolo principal dessa resistência e formas de defesa é a sua muralha, inspiradora de tantas obras literárias, artísticas e filosóficas de todo o mundo.

O aprendizado do mandarim, e por meu próprio processo, vale a pena ser tocado aqui nesta entrevista, a saber: graças ao linguista chinês, ainda pouco conhecido entre nós, o Zhou Youguang, no início da República Popular da China, depois de 1949, liderou uma equipe que romanizou o mandarim através da transliteração de ideogramas em signos alfabéticos, denominada essa transliteração de pinyin. Os quatro tons dominantes, característicos, o primeiro tom ([-] traço sobre uma dada vogal indicando um som aberto e horizontal), o segundo (como o acento da palavra fé, indicando o tom de pergunta), o terceiro ([^], na forma de um acento circunflexo invertida, indican-

do um tom que desce e sobe e, o quarto (na forma de uma crase [à], indicando um tom baixo e rápido como na palavra [já] é um terrível desafio à realização e à escuta para qualquer aprendiz, prova disso, é o pinyin ma (com acento de primeiro tom) significar mãe, ma (com acento de segundo tom) significar linho, ma (com acento de terceiro tom), significar cavalo e ma, com acento de quarto tom, indicar que alguém é culpado por alguma coisa. Esse processo de tonalização, suas regras e gradações, atravessa qualquer sílaba, ou cadeia fonológica de sílabas, tornando o aprendizado uma verdadeira arte do controle de si e apuração de todos os sentidos. Memorizar a forma do pinyin, seguida, ou em separado, dos traços que compõem cada ideograma correspondente, exige não apenas esforço, tempo livre e qualificado, técnicas de respirar, e arte de incorporar a língua ao espírito, mas uma paciência criativa extraordinária, que vale muito a pena.

Por essa cena, acima, acho que há ao menos umas três grandes dificuldades para encarmos, como brasileiros, esse enigma chinês, a primeira é o nosso processo de memorização daquilo que não diz respeito à nossa experiência e história encarnada (por exemplo achar que a história dos hebreus tem alguma coisa a ver com a história do massacre e aprisionamento de indígenas imposta pelos europeus, além da experiência da escravização de pessoas, como a dos negros, acompanhada da interdição do seu estudo de forma institucional e universalizada); a segunda, é achar que entre nós temos alguma espécie de democracia, e com isso, quereremos julgar a China como sendo uma ditadura; a terceira, nossa subjetividade impaciente, ocupada por uma metafísica fascista, cuja constituição e trabalho do si, nas malhas do saber e poder, são bastante penosos ou impossíveis dado o nível de barbárie que perdura entre nós brasileiros.

Apesar dessas dificuldades, temos as seguintes vantagens, não apenas civilizatórias, mas como projeto, sempre em devir, da construção de uma nação livre e soberana, a saber: no primeiro caso, a experiência espiritual-corporal das civilizações indígenas e africanas, ainda vivas e disseminadas de ponta a ponta no Brasil, que, numa década de encontro intercultural com os chineses seria suficiente para uma bela sessão de descarrego dos visgos da me-

tafísica ocidental; no segundo caso, governos progressistas no Brasil, por suas tentativas de encontros, em todos níveis, com América Latina e África, coloca o Brasil em pé de igualdade com a China, na construção de um outro mundo a favor da vida multicultural e multipolar. Nessa linha de reflexão, teríamos um século de Brasil e China para mudar a ordem do mundo.

Com sua experiência e olhando em perspectiva, quais passos a UNEB deveria dar para aprofundar a cooperação acadêmica com instituições chinesas?

Creio que a exemplo dos resultados, ainda parciais, desse projeto de pesquisa que coordeno e que envolve uma investigação de aspectos das relações interculturais no âmbito dos BRICS, a Secretaria de Ciências e Tecnologia, FAPESB, e Secretaria de Relações Internacionais das universidades públicas da Bahia, ou mesmo através do Consórcio Nordeste, deveria junto com instituições de Estado chinesas fazer um projeto para os próximos 50 anos, envolvendo todas as áreas do conhecimento, inclusive a implantação do Mandarim como segunda língua na Educação Básica.

Enquanto isso não chega, a SERINT deveria estimular ao menos duas coisas: a implantação urgente do Instituto Confúcio na UNEB, com ofertas de curso para toda Bahia e estados adjacentes, e fazer funcionar o Centro de idiomas, inclusive com línguas indígenas e africanas nesse pacote civilizatório; a criação de redes de pesquisa Brasil – China, em todas as áreas. Como já o demonstramos, as instituições acadêmicas e científicas chinesas são muito acessíveis, e ao menos em três línguas lado a lado, o mandarim, o pinyin, o inglês.

De minha parte, e como pesquisador, a cada semestre amplio a pauta dessa língua e cultura chinesa em minhas atividades acadêmicas, envolvendo oficinas de aprendizado da língua em disciplinas de graduação e pós-graduação; pesquisa e leitura de autores chineses; estudos de mandarim com professora chinesa, como no último semestre, até as caminhadas diárias pensando em francês, inglês para o entendimento e exercício do mandarim, envolvendo vocabulário e construção de frases, como nos velhos tempos em que morei na França (2002-2004), em Bordeaux, quando me deslocava mensalmente para Paris, onde cursava pós-doc na Paris VIII, já no início da estadia e para exer-



citar a língua francesa, ia imaginando a conferência toda em Francês durante as 2 horas de viagem de TGV. Pra mim, essa é uma metodologia inescapável para quem quiser ensaiar aprender uma língua, por mais difícil que ela seja. E, claro, o limiar de qualquer diálogo transnacional de um cidadão do mundo, com sua formação básica num país, o Brasil, com muitos recursos científicos, intelectuais, culturais, materiais, para afirmar e consolidar seu protagonismo internacional e deixar de ser um país de vira-latas, que é sua elite do atraso com seu sistema intelectual marcado por um profundo mal estar de ser colonizado por esse ocidente, cada vez mais caminhando em direção ao abismo.